

Ordem aos QGs: avancar, avançar

Primeiro, houve no meio político governista um ensaio de resistência à realidade, com a correspondente tomada de posição na defensiva. Afinal, a chegada da pesquisa do Instituto Datafolha, publicada no sábado com registro pela primeira vez em números de empate técnico entre os candidatos Fernando Henrique Cardoso e Luiz Inácio Lula da Silva, oferecia a possibilidade de duas leituras.

Por exemplo: 48% dos entrevistados achavam pelo menos "um pouco eficiente" a ação do governo na seca do Nordeste. Somados aos 8% que qualificavam essa ação de "muito eficiente", 56% eram os favoráveis, contra 39% que consideravam nada eficiente a ação do governo.

Outra questão que poderia ser lida do avesso é a que se refere ao peso da crítica aos que se aposentam muito cedo, antes dos 50 anos, sobre a queda na preferência do eleitorado: 48% consideraram que Fernando Henrique Cardoso acha de fato vagabundos aqueles que se aposentam cedo. Mas 45%, índice significativo, aceitaram as explicações dadas pelo presidente em rede de rádio e televisão e passaram a ver tudo isso como um mal-entendido.

Apesar dessas nuances, que podem surgir em quantidade a partir de análise mais detalhada dos números, o fato é que Fernando Henrique, em um mês, caiu sete pontos na preferência do eleitorado, Lula cresceu 6 pontos, chegaram a um empate técnico e — a evidência que fez os políticos do governo caírem na realidade — a queda foi homogênea. Ocorreu em todas as faixas etárias, níveis de escolaridade, regiões do país.

Políticos que apóiam o governo não reconhecem erros diferentes daqueles já conhecidos e muito analisados, que foram de responsabilidade do próprio presidente, de sua conduta e seu estilo. Mesmo nesse caso, essa candidatura teria sido vítima da extrema politização de fatos que, não fosse ano eleitoral, não teriam o peso que tiveram.

De qualquer forma, diante das evidências, a ordem de reação é partir para a ofensiva, trabalhar duro, fazer campanha. É o que seus adversários estão também dispostos a fazer. Ciro Gomes trabalhará para receber os votos que estão migrando da candidatura Fernando Henrique, e quer montar uma ofensiva, a partir do Rio de Janeiro, estado onde o atual presidente está pior — a mais recente pesquisa JB-UFF, publicada ontem, registra no estado 38% de preferência por Lula e 24% por Fernando Henrique — para criar um efeito de irradiação para o resto do país. Na campanha de Lula, a ordem é acelerar, acelerar, acelerar, como definiu ontem um dos seus coordenadores de ações.

Fernando Henrique tem, a atrapalhá-lo, o fato de ser o presidente,

**A ordem do comando
é partir para a ofensiva,
trabalhar duro, fazer
campanha, ser
menos presidente
e mais candidato**

e valem para ele também as recomendações feitas a respeito do aprendizado da reeleição. Achava que não poderia, por exemplo, deixar de lutar para conseguir a aprovação da reforma da Previdência. Isso lhe custou não só votos entre aposentados como entre aqueles que estão, desde o início, contra essa reforma, que cria novas exigências para futuras aposentadorias. Uma coisa é ganhar voto — em 94 — prometendo reformar, e outra é manter a preferência — em 98 — com as mudanças de lei já refletindo na vida das pessoas.

Os políticos da candidatura Fernando Henrique aconselham, mas não sabem se ele seguirá a recomendação: ser menos presidente e mais candidato. As pesquisas deste final de maio foram o toque de início efetivo de campanha. As convenções partidárias, a serem realizadas entre 10 e 30 de junho, passaram a ter sabor renovado. O presidente será, por gravidade, mais candidato, mas duvida-se que passe a fazer um governo verbalmente morno.

Na noite da última quinta-feira o governo não conhecia ainda os números do Datafolha. Sobre a mesa da primeira reunião do comitê político da campanha de Fernando Henrique Cardoso, no Palácio da Alvorada, diante de Antônio Carlos Magalhães, Marco Maciel, Jorge Bornhausen, Eliseu Padilha, Teotônio Vilela e Eduardo Jorge Caldas, estavam os resultados de várias pesquisas do início da semana que já registravam, além de queda acentuada, tendência a cair mais na preferência do eleitorado. A hipótese de reversão era considerada para somente a partir da segunda quinzena de julho.

Naquele encontro ficou decidido que as coisas deveriam mudar mais depressa a partir de agora. Aos candidatos da aliança aos governos, às prefeituras e ao Congresso, foi recomendado que comecem a falar mais do presidente, em todas as circunstâncias. Na semana passada, o próprio Fernando Henrique começou a se movimentar mais. O presidente saiu da clausura, deu entrevista coletiva, viajou para inaugurações, recebeu grupos de políticos todas as noites, tomou decisões de campanha.

Ficou decidido, também, que Fernando Henrique deve olhar com mais atenção o que os participantes chamaram de configuração política do Brasil. Isso quer dizer: há estados tão problemáticos para a aliança de partidos que apóiam o presidente que, por terem colégio eleitoral numeroso, influenciam decisivamente na situação em que se encontra essa candidatura. Minas Gerais é o principal deles. Mesmo que, na melhor das hipóteses para os tucanos, Itamar Franco não seja o candidato do PMDB ao governo, e, se for, não se alie ao PT, como está prometido, existe a candidatura Newton Cardoso, igualmente desconfortável para os tucanos do estado. O Paraná é outro problema sério para o presidente, pois ali já está instalada a guerra entre os aliados. Briga interna, até agora, só rende votos mesmo para Lula, e o governo está cansado de saber disso.